

EDITORIAL

Vida e substância

Qual será a substância que enforma a vida? Que será a vida em substância?

Será que é apenas o viver do dia a dia, ou será que é, além disso, transcendência, embora a essência dessa transcendência só para lá da vida se revele?

Mesmo sabendo que a verdade sempre se esconde, o desejo de a encontrar é uma obsessão do homem. Apreender o «porquê» e o «para quê» do viver são preocupações que, sendo de todos, sempre se mostraram ser mais próprias dos jovens que dos de meia idade, aqueles ainda esperançados em encontrar uma resposta, estes normalmente conformados em não a encontrar.

De todos os tempos a mocidade se mostrou preocupada com a verdade. Quantas vezes até a própria vida deu em sacrifício. Generosa, como não ser sonhadora de verdade? Certamente os sonhos havidos no passado foram uns e os de hoje são outros, mas quer uns quer outros sempre se identificaram com o que é justo e belo.

Que sonhos de verdade, de justiça e de beleza palpitam hoje no peito dos novos?

Nos que acalentam Cristo no coração, uns haverá que o sonham como transcendental, mas a realidade mostra que a maioria O sente e venera apenas como o maior dos justos jamais aparecido nesta sociedade injusta.

Para além destes que reconhecem Cristo, há massas infintas de indivíduos que não crêem que a verdade se encontre no transcendente. Reconhecem, sem dúvida, que a verdade é qualquer coisa que lhes foge constantemente ao entendimento e que nem mesmo sequer se deixa vislumbrar àquelas mais clarividentes e estudiosos. Teimam essas massas sem conta, escoradas neste pensamento, que a verdade, se existe, será encontrada na própria vida e não para lá da vida. Porventura nisto reside a justificação do seu comportamento

de viver a vida intensamente, sem cuidar do que possa haver de verdade para além da morte.

Será de recriminar os novos por esta sua atitude?

Nos seus sonhos os novos olham a Terra como prometedora e capaz de se tornar amável para todos os homens. Quimera, essa sua esperança? Eles entendem que não e estão convictos de que se forem devidamente instruídos e industriados e lhes for facultada a possibilidade de investigar a natureza, o impacto das suas vontades será suficiente para remover todas as montanhas de dificuldades que se lhes depararem e eficaz bastante para conseguir criar condições para minorar a fome e as enfermidades que existem ainda tão espalhadas na Terra. Acreditam, para este efeito, mais em si próprios e no potencial da sua inteligência e da sua capacidade de realização, que na intervenção do transcendente. Dizem, quando muito, que sendo, porventura a inteligência um testemunho do transcendente, é mais uma razão para que eles a venerem e a ponham ao serviço do Mundo.

Esta sua atitude pode ter muito de sonhador, mas honestamente não parece que possa ser recriminada. Com frequência, porém, esses sonhadores não se mostram tão generosos como o palpar do seu coração poderia fazer supor. Assim, muitas vezes revelam incompreensão pelas atitudes daqueles que os não acompanham nos seus sonhos. Mais, essa incompreensão por vezes transforma-se em ódio, entendendo que o comportamento desses é egoísmo que se torna um estorvo tão grande ao progredimento dos seus sonhos, que só em luta pode ser vencido. Neste proceder, nesta atitude, parece haver lugar para recriminações. Todo o homem, novo ou velho, que tem a inteligência como atributo defenidor do homem, não pode deixar de acreditar que a força do amor tem mais poder de realização que a força do ódio. Todo o homem, verdadeiramente homem, tem de sentir no seu coração que é pela persuasão e não pela força que se pode criar uma sociedade justa.